

“Fora Collor” e Marchas de Junho: Imprensa e construção de sentidos sobre as mobilizações populares de 1992 e 2013

“Out Collor” and Marches June : Imprensa and construction of meaning on the popular mobilizations 1992 and 2013

Sônia Meneses*

sonia.meneses@gmail.com /sonia.urca@gmail.com

Resumo

Este artigo pretende realizar um estudo comparativo sobre as matérias da revista *Veja* nos anos de 1992 e 2013, com o objetivo de investigar as construções de sentidos relacionadas às manifestações “Fora Collor” e as Marchas de Junho de 2013. Ao estudar esses dois anos, pretendo investigar como se dá o tratamento do veículo de comunicação sobre a presença do “povo” nas ruas em ambos os casos, suas interpretações e disputas em torno desses acontecimentos emblemáticos.

Palavras-chave: Fora Collor, Revista *Veja*, Marchas de Junho

Abstract

This article intends to carry out a comparative study on the subjects of *Veja* magazine in 1992 and 2013 with the objective to investigate the construction of meaning related to the manifestations by impeachment of Collor de Melo and the Marches June 2013. By studying these two years I intend to investigate how is the treatment of communication vehicle about the presence of “the people” in the streets in both cases, their interpretations and disputes in tones of these iconic events.

Works keys: Impeachment, Marches June and *Veja* Magazine

* Docente Universidade Regional do Carir-URCA, doutora em história pela UFF. Estuda as relações entre história e mídia, tempo presente, história pública e teoria da história.

(...) Como ninguém sabia ao certo onde o povo andava, aparecem profetas de academia a formular teorias psicogeográficas para localizá-lo. Diziam que estava em casa, indiferente ao mar de lama. (...) Que a desilusão com os políticos ceifara a esperança (...) Também disseram e garantiram que a juventude se tornara apática. Diziam tudo errado. Na semana passada, as principais cidades do país assistiram ao espetáculo do povo em movimento (...) Encheu as ruas, praças e praias, engarrafou avenidas, celebrou enterros, ergueu bonecos, cantou, dançou, buzinou e xingou (VEJA, 26 de agosto de 1992)

“A voz das ruas” é o que diz a manchete de matéria da qual foi extraída a citação acima. A expressão é ao mesmo tempo uma exaltação e um chamamento. Elogia a volta do povo à cena pública apresentada como espaço democrático, agregador de todas as vozes, “um espetáculo” é o que diz a matéria que objetiva ainda mais uma função: encorajar outros a irem às ruas, “numa prova de que, quando se torna necessário, as ruas se encarregam de resgatar o orgulho e o símbolo da nação” (idem).

O trecho acima faz parte de uma matéria que lida hoje sem a devida referência, pode muito bem ser associada aos movimentos que tomaram conta do Brasil entre os meses de junho e julho de 2013 e que perduram até os dias atuais. Extraída da Revista Veja, o texto foi publicado no dia 26 de agosto de 1992 e dizia respeito às manifestações populares que posteriormente ficaram conhecidas como o “Fora Collor”. A evocação da matéria será o mote para iniciarmos nossa reflexão e, mais precisamente, para interrogarmos o que 1992 e 2013 têm em comum. Talvez seja mais apropriado perguntar: que elementos estão presentes nesses dois anos que nos possibilitam aproximá-los e, ao mesmo tempo, diferenciá-los.

Vinte e um anos separam aquele ano de 1992 e 2013; duas décadas que mudaram a cara do país, principalmente, quando pensamos no processo de democratização e amadurecimento das instituições políticas brasileiras. Mesmo com as profundas mudanças assistidas no período, alguns temas ainda permeiam insistentemente nosso cotidiano. É inegável que problemas como corrupção, má aplicação de recursos públicos, desigualdade na distribuição de renda, baixa qualidade de serviços básicos como mobilidade urbana, saúde e educação, dentre outros, permanecem como dificuldades reais para a maioria da população.

Tanto em 1992 quanto em 2013, tais elementos eclodiram de maneira contundente na cena pública desencadeando uma série de manifestações que estimularam rupturas significativas em nosso “espaço de experiência”. Essas ocorrências impulsionaram novas demandas de sentido na medida em que instauraram uma quebra na trama dos “nossos hábitos, de nossas rotinas diárias” (Ricoeur, 41-55 APUD Rabelo, 2006, 19). Podemos dizer que estes problemas públicos estabelecem uma relação de simbiose com tais acontecimentos, na medida em que, nas narrativas midiáticas os explicam e, por sua vez, são explicados por eles.

Assim, estes são anos singulares, sobretudo, porque reúnem um conjunto de situações que os inserem como marcos para memória histórica do país. São significativos porque conduzem ao debate sobre temas que, por sua vez, afetaram e, continuam afetando, nossos horizontes de expectativas.

Ao olhar para os dois anos, perceberemos que um elemento é marcante em ambos: a presença dos meios de comunicação como formuladores de narrativas sobre as ocorrências no cotidiano. Refiro-me a uma produção de caráter amplo, ao mesmo tempo, ideológica, simbólica e social. Assim, embora estejam distantes no tempo são anos sensacionais, no sentido lato da palavra, uma vez que despertaram emoções, entusiasmos e admiração. Tanto 1992 quanto 2013 têm como característica a explosão de grandes manifestações populares nas ruas atreladas ao discurso de que, finalmente, o “povo” havia despertado. Embora esses momentos partilhem de elementos em comum, os motivos que levaram a ambos são bastante distintos, tanto pelos seus deflagradores, como pela maneira como entraram no circuito da comunicação.

Assim, proponho pensarmos ambos os anos por uma chave de investigação que já foi apontada na citação acima: a reflexão sobre as narrativas envolvendo mobilizações populares nesses episódios elaboradas pelos meios de comunicação. Para realizar essa investigação, optei por trabalhar com a cobertura da revista Veja em ambos os anos.

A escolha desse veículo se explica pelo grau de inserção social, assim como pela sua presença de forma contundente na produção de discursos envolvendo os acontecimentos desencadeados nesses momentos. Produtora de um conteúdo reconhecidamente conservador, em 45 anos de sua existência, a Veja funcionou como um importante aporte interferindo na elaboração de narrativas sobre acontecimentos capitais da história recente do país. Não podemos esquecer que a revista foi um agente atuante na eleição de Fernando Collor de Mello em 1992.

O surgimento da *Veja* em 1968 e sua consolidação na segunda metade da década de 1970 marcam o fortalecimento de um dos mais influentes grupos de mídia no Brasil, o grupo Abril fundado por Victor Civita, sendo idealizada e dirigida até 2013 por seu filho, Roberto Civita, falecido no mês de maio daquele ano. Sua influência editorial é marcadamente norte-americana inspirada na *Time* e, no seu nascimento, trazia a proposta de ser uma revista ilustrada de informação, que procurava disputar mercado com outras de grande circulação nacional como a *Manchete* e *O Cruzeiro*¹.

Dirigida à classe média, a revista sempre deixou claro com qual setor econômico e social esteve e continua alinhada. Defensora ardorosa do liberalismo e do capital, que em seu discurso sempre são equivalentes ao conceito de Democracia, já em seu primeiro número, de 11 de setembro de 1968, agradecia: Devemos esta revista (...) aos milhões de leitores (...) que têm prestigiado nossas publicações (...) às classes governantes, produtoras e intelectuais que reclamaram da Abril esse lançamento (*Veja*, 11/09/1968). Na edição de 13 de março de 2013, ironicamente na mesma que traz em sua capa a notícia da morte do presidente da Venezuela Hugo Chávez, abre as páginas amarelas com a seguinte manchete: “Capitalistas Brasileiros: Unívulos!” ao reproduzir uma entrevista com o economista Rodrigo Constantino autor do livro “Privatiza Já”.

Chamo atenção que seu lugar social é um elemento fundamental para compreendermos a maneira como os episódios de 1992 e 2013 são narrados. Sob o argumento, muitas vezes falacioso de se pronunciar em nome da verdade e da liberdade de imprensa, em seu discurso, transforma interesses particulares em necessidades de uma coletividade mais ampla. Exemplo disso foi a cobertura política dada pela revista a Fernando Collor em 1989, atuando, significativamente, para descolar sua imagem da direita tradicional, da qual era produto, e da esquerda, representada por Lula e Brizola, ajudou a criar o mito do jovem político de ideias modernas e caçador de marajás.

Nos meses turbulentos daquele ano de 1992, o país viveu uma experiência inédita em sua história política com o impeachment. Collor de Mello, apresentado como o grande “astro” da primeira eleição direta para presidente do país, depois de 21 anos de ditadura militar, foi o personagem principal de um enredo que reuniu tradicionais grupos políticos e meios de comunicação. O esportista saudável, bonito, herói na luta contra os marajás, que na verdade era o representante das mais antigas práticas políticas alagoanas, travestiu-se de ícone da renovação política e de salvador da pátria. Tanto sua eleição, quanto seu impeachment são exemplos de como os meios de comunicação interferem de maneira significativa na produção de sentidos no tempo presente.

A ideia do impeachment de Fernando Collor surge nas páginas da *Veja*, muito antes de se configurar como experiência posta na cena pública, emerge primeiramente como um Acontecimento-Possibilidade², ou seja, projetou-se nas páginas da revista mesmo antes de efetivar como experiência no cotidiano. Ao longo de 1992, a revista constrói um processo contínuo de denúncias e escândalos que começaram a ganhar densidade no mês de maio, quando Pedro Collor concede a famosa entrevista à própria *Veja* denunciando o esquema PC Farias atrelado ao presidente.

O conceito de “impeachment” até então desconhecido no debate político nacional, começa a emergir em meio à insatisfação dos próprios grupos empresariais em virtude da política econômica desastrosa do governo Collor. Aliado a isso, explodem denúncias de corrupção ligadas ao primeiro escalão do governo, inclusive à primeira dama Rosane Collor. Assim, em princípios de 1992, a narrativa sobre o futuro do país passa a ser tecida como incerteza e como uma espera ansiosa pelo desenrolar de novos acontecimentos. O que pode ser constatado na matéria do dia 19 de fevereiro que sacode a cena pública com uma ameaça: “Dossiê explosivo – para o irmão mais novo do presidente, PC Farias é uma “lepra ambulante” cujos negócios podem provocar o impeachment Collor” (*Veja*, 19/2/1992).

Ao todo, foram 17 capas dedicadas a Collor naquele ano, mas ao contrário de 1989, quando o objetivo era construir a uma imagem positiva para o político que disputava as eleições, em 1992 predominava o

1 A Revista não agradou nos primeiros anos, sobretudo, porque trazia uma nova linguagem jornalística para os padrões da época, inspiração da imprensa norte-americana como a *Times*, a revista trazia o mesmo nome de outra revista também norte-americana *Look*. Foi ainda acusada na época de imitação malfeitas desses produtos.

2 O conceito de acontecimento possibilidade foi apresentado em minha tese de doutorado, intitulada *A Operação Midiográfica: A produção de acontecimentos e conhecimentos históricos através dos meios de comunicação – A Folha de São Paulo e o Golpe de 1964*. Tese de doutorado, Niterói, UFF, 2011.

espectro da crise atrelada ao governo. Até o mês de maio, quando a possibilidade de impeachment ganha força, pode-se acompanhar uma linha de eventos, narrados quase como uma cadeia linear na qual se seguem denúncias, mudanças no governo e troca de ministérios.

Apesar da forte presença do tema nas páginas da revista, mobilizando uma grande demanda de textos e debates, há apenas uma capa dedicada à participação popular no episódio. Mesmo que possamos vislumbrar outras matérias a partir do mês de agosto que tratam das mobilizações “Fora a Collor”, estas sempre entram atreladas a outras que ressaltam a atuação de políticos e da própria imprensa na participação dos eventos naqueles meses.

Na narrativa produzida pela revista *Veja*, a mobilização popular entra como coadjuvante no conjunto daquele processo no qual, a própria imprensa é colocada como a principal protagonista. Sua participação é racionalmente planejada nas matérias de maneira a compor o conjunto de elementos que ajudam a construir sentido para aqueles dias. Assim, sua presença não é uma surpresa mas uma ocorrência festejada como o esperado, Vejamos:

Alegria, alegria! É o diz a manchete de cuja matéria qual foi extraído o trecho abaixo.

(...) A rebeldia juvenil está de volta, juntando mauricinhos e militantes, skatista e esquentados. Em Brasília a disputa política enlacrou num intrincado jogo de interesses, com senhores engratados trocando favores sórdidos ressuscitando a velharia do é-dando-que-se-recebe, e engavetando os valores fundamentais da justiça da ética e a moralidade. Enquanto isso, no Rio e em São Paulo, uma garotada bonita bem humorada, habituada a frequentar shopping centers e curtir praia entendeu muito bem o que está se passando nas altas esferas de poder (VEJA, 19 de agosto de 1992, 18)

A matéria é ao mesmo tempo uma exaltação e um chamamento. Título da composição de Caetano Veloso apresentada no festival da canção de 1967. Elogia a volta da rebeldia juvenil às ruas que são ressaltadas pela revista como espaço democrático, agregador de todas as tribos, afinal diz a matéria, ali cabem de mauricinhos a militantes. O trecho exerce ainda mais uma função: encoraja que outros sigam a “garotada bonita e bem humorada”. Não por acaso, a primeira matéria dedicada à participação juvenil faz um paralelo com minissérie ‘Anos Rebeldes’ da Rede Globo de Televisão e constrói uma imagem romantizada da juventude o do movimento desencadeado nas ruas naquele momento.

As palavras da garotada são duras, têm um seriedade radical, mas as passeatas foram mais festas gigantescas que desfiles de sisudez marcial (...) Cada povo tem uma maneira própria de fazer a História (...) No Brasil, o brio cívico tende a extravasar na forma de um humor cortante, do escracho aberto. As manifestações têm um quê de Carnaval, de desfile de escola de Samba. (VEJA, 19/08/1992)

O apelo realizado ao passado e a afirmação de que naquele momento se “fazia a história” pressupõem um interesse implícito da revista em conduzir apropriações de sentido sobre as manifestações. Aqui se atesta uma intenção de futuridade ao pretender fazer daquele acontecimento um momento fundador para conjuntura política do país ou, pelo menos, evocar o respaldo simbólico da presença do “povo brasileiro” para o que pudesse advir. Percebe-se como há uma construção antecipada de sentidos e valores sobre o movimento, assim, a “garotada bonita” compõem o quadro de aliados naquele processo que cada vez mais parecia caminhar para o inevitável, como podemos perceber a partir de algumas manchetes das capas que antecederam ao impeachment:

“O Governo não terminará limpo – o ex-presidente da Petrobras devassa o esquema paralelo de PC no Planalto” 17/6/1992

“Collor Sabia” – ex-lider do governo diz que denunciou várias vezes ao presidente as delinquências de PC” 24/6/1992.

“No que vai dar a crise” () Impeachment, () Renúncia () Parlamentarismo Já () Collor continua, forte () Collor continua, fraco. 1/7/1992.

“As provas” – O carro usado pelos filhos do presidente Fernando Collor pertence a PC farias, Um funcionário do PC depositou 18.968.000,00 na conta da secretaria que pagava as despesas do presidente” 8/7/1992

“O Circulo se Fecha” – os cheques do esquema PC 29/7/1992

“O Brasil Renuncia a Collor” – A voz do povo chega ao congresso (26/08/1992)

Destaca-se uma formulação antecipada do acontecimento num plano de possibilidades que visa di-

recionar o futuro a partir do presente, no qual a atuação da revista é extremamente importante, porquanto “pré-escreve” o acontecimento concedendo-lhe uma aura de significação que poderá ou não influenciar a ocorrência propriamente dita no futuro. Na revista de 26 de agosto a manchete destaca: “As Vozes da Guerra – Governador Fleury decide se mobilizar pelo impeachment do presidente Collor e planeja colocar 1 milhão de pessoas nas ruas de São Paulo”.

Percebe-se como a presença popular é narrada como um plano político para pressionar a tomada de decisões. A evocação do povo, assim como em outros momentos, como no movimento das “Diretas Já”, pretende criar uma unidade de sentido em torno do episódio. Tudo se explica e é organizado a partir de papéis de atores previamente definidos, o que pode ser visto na expressão: “Fleury decide se mobilizar”. Assim, “o presente factual constrói-se, portanto, no contexto do passado e do futuro. Do passado, pelas analogias que sugere. Do futuro, pelas antecipações que permite.” (Ricoeur, 1991). Vejamos um pouco mais da matéria:

“Agora é guerra (...) A partir de agora as manifestações serão organizadas, terão direção. Contra a rua, a frente do Planalto não tem o que fazer (...) Na terça o governador Fleury Filho concederá uma entrevista (...) “É melhor participar e dirigir as manifestações do que deixá-las correr soltas (...) O Receio maior de Fleury é que sem direção, a campanha de rua pela saída do presidente se torne presa fácil de agente provocadores”. (VEJA, 16/08/1992)

Ao acompanhar semanalmente as matérias, percebe-se a estruturação de uma narrativa que permite aos leitores compreendê-la a partir de um programa de sistematização de sentidos. Manter as manifestações sob controle era um ponto fundamental naquele processo, pois representava ainda a manutenção dos interesses dos grupos sociais aos quais a Veja se vinculava, tais como: empresários, classes médias e políticos. Entretanto, o discurso é elaborado como se não houvesse distinção entre os estes interesses e as manifestações das ruas, como se “todos” representassem a “enorme parte do povo” brasileiro.

Desta forma, a revista tenta assumir um lugar de representação coletiva que a autorizava a falar em nome desse “povo”. Na longa matéria do dia 26 de agosto, faz um apanhado das “Vozes da Guerra”, como dito anteriormente e, numa ordem sequencial, apresenta um conjunto de “vozes” que, segundo a revista, representava os envolvidos no processo naquele momento. São elas: “A voz dos políticos”, a “voz da bolsa de valores”, “a voz dos quartéis”, “a voz da CPI”, a “Voz dos Advogados”, a “voz de PC Farias”, a “voz do irmão” e, por fim, a “voz das ruas”, que, segundo a matéria, “ao se colocarem em movimento, filhos, pais e avós escreveram um capítulo sem paralelo na história”. Algumas denominações são recorrentes nos discursos associadas às manifestações populares naqueles dias, a exemplo de: festa democrática, espetáculo alegre o ordeiro, dentre outros.

Ao contrário de 1992, no qual foi possível acompanhar o processo de desestruturação do governo Collor de Melo quase como uma novela lida em capítulos nas páginas de jornal e revistas da época, 2013 é marcado pela diversidade e pela força acontecimental acionada de maneira espetacular nos seis primeiros meses do ano. Tantas foram as ocorrências que construir uma chave explicativa para uni-las tornou-se tarefa impossível. Mas que teria em comum, dois anos tão distinto e distante no tempo? A partir de quais elementos podemos construir sobre eles uma chave explicativa?

Quando aproximamos nosso olhar sobre ambos percebemos que um elemento teve papel decisivo na narrativa das ocorrências daqueles dias. Em ambos, foi inegável a força dos meios de comunicação na elaboração de narrativas e explicações sobre os acontecimentos, assim como o retorno à cena pública de uma personagem de bastante força nos discurso da imprensa do país: as manifestações populares e especialmente, a presença da juventude associadas a elas.

Assim, o ano de 2013 entra no circuito das grandes narrativas a partir do sensacional, a surpresa posta na cena pública, do inacreditável e aparentemente inexplicável. Durante o primeiro semestre, vivemos um encadeamento tão lancinante de eventos que podemos dizer que passamos pela experiência de um tempo condensado que nos fez perder a própria dimensão cronológica e linear para nos colocar no ritmo temporal da desordem, da ruptura.

Momento em que nossas percepções sobre o passado e o futuro ficaram turvas diante da força avassaladora do presente. Dezena de mortes numa boate gaúcha, renúncia papal, eleição do primeiro Papa latino-

americano da história, morte do presidente venezuelano Hugo Chaves, bombas explodindo em Boston, violentos conflitos no Egito e na Síria, espionagem norte-americana por meio da Web e finalmente, no mês de junho, impulsionadas pelo aumento do transporte público em São Paulo explodem as manifestações nas ruas do Brasil. Cada uma dessas ocorrências, como afirma Ricoeur (1991, 41), coloca em ação uma imperiosa demanda de sentido capaz de instaurar uma nova ordem de coisas.

O ano de 2013, assim como 1992, já ganhou status de ano emblemático para a história do Brasil. Mas por quê? Como compreender essa produção de sentidos históricos realizada quase de maneira instantânea? Como o espetáculo é progressivamente conduzido a uma cadeia de monumentalização a ponto de se tornar história no próprio momento presente?

Ao contrário de 1992, as manifestações de 2013 são o que podemos chamar de “acontecimento-acaso”³, ou seja, caracterizam-se pelo inesperado, pela surpresa posta na cena pública. São acontecimentos que emergem de situações imediatas e inesperadas do cotidiano, o que coloca os meios de comunicação em uma condição de posteridade em relação a eles. Analisam e significam ocorrências que os antecederam, na medida em que não eram esperadas e, nesse caso trabalham, no primeiro momento, amparados em uma atitude de retrospecto – mesmo que no plano de um curto espaço temporal – para em seguida, retomarem o processo de projeção dos efeitos daqueles eventos. A primeira capa da *Veja* a tratar do tema é do dia 19 de junho de 2013. Trazendo em primeiro plano a imagem de uma pichação que dizia “contra o aumento”, a manchete proclama: “A Revolta dos Jovens – depois do preço das passagens, a vez da corrupção e da criminalidade”. Logo no seu editorial, a revista deixa claro que trará:

“Uma reportagem especial desta edição se dispõe a explicar o que querem os jovens brasileiros que estão vandalizando as ruas num pretexto de lutar contra o aumento de 20 centavos nas passagens urbanas. Nisso são iguais aos jovens americanos que em 2011 protagonizaram uma furiosa, mas meteórica reforma urbana contra o capital financeiro (...) eles se parecem como os estudantes ingleses que (...) barricaram o centro de Londres (...) Uma lição valiosa, porém, é a de que esses surtos de indignação guardam uma razão real escondida (...) É muito útil tentar decifrar quais são (...) A reportagem da *Veja* (...) contribui para isso.” (VEJA: 19/06/2013)

Diante da perplexidade do evento, percebemos como imediatamente o veículo de comunicação passa a dotá-lo de sentido o associando a outras ocorrências em outros países, para isso desconsidera diferenças sociais, econômicas e culturais e os homogeneiza a partir de um lugar de classe. “eles têm em comum principalmente o fato de pertencer às classes médias e ricas de seus respectivos países”.

“Dá-se, então aquilo que Santos Zanzunegi chama a “suspensão do inacreditável”. O inacreditável deixa de o ser. Por que? Porque múltiplas relações de causalidade irrompem indomáveis. Inicia-se, assim, a narrativa do acontecimento (...) que gera sentido ao funcionar como máquina de organização do tempo e ao assentar numa lógica da causalidade, ou melhor, numa lógica em que a causalidade se funde, coincide, com a contiguidade. Uma narrativa que integra o acontecimento ao “todo contextual”. (RABELO, 2006, 20)

A matéria, recheada de fotografias, hipertextos e mensagens das redes sociais, demonstra a dificuldade da revista em fazer o que anuncia: explicar o movimento. Em tom negativo e irônico, trabalha para desqualificar tanto o movimento quanto seus participantes, com a manchete “A Razão de Tanta Fúria”, procura apresentar didaticamente quem são os membros das manifestações, vejamos:

“Há uma grande chance de que boa parte da rapaziada que, na semana passada, foi às ruas esteja apenas dando vazão às pressões hormonais pelo exercício passageiro do socialismo revolucionário (...). As minorias que participaram ativamente do quebra-quebra são os suspeitos de sempre: militantes de partidos de extrema esquerda (PSTU, PSOL, PCO, e PC do B) militantes radicais de partidos de centro-esquerda (PT e PMDB), punks e desocupados de outras denominações tribais urbanas” (VEJA, 19/7/2013)

3 O conceito de “acontecimento-acaso” é discutido em minha tese de doutorado na qual realizo uma tipificação de acontecimentos produzidos pela narrativa midiática, são eles: acontecimento-possibilidade, acontecimento-acaso, acontecimento-síntese, acontecimento-monumento. Cf. Meneses, Sônia. *A Operação Midiográfica: A produção de acontecimentos e conhecimentos históricos através dos meios de comunicação – A Folha de São Paulo e o Golpe de 1964*. Tese de doutorado, Niterói, UFF, 2011 Caps. 2 e 4.

Um movimento orquestrado por uma minoria, que segundo a revista sempre “será minoria por definição”. Seu espanto, no entanto, é explicar “o fato de “às minorias terem se juntado milhares de rapazes e moças que tinham tudo para estar no cinema, no shopping ou na balada e não engrossando as fileiras das minorias de vândalos profissionais” (VEJA, 19/6/2013).

Nessa primeira matéria abordando o tema, o tom da revista é de clara perplexidade e, como ainda não havia elementos para identificar líderes ou grupos responsáveis diretos pelas mobilizações, ela afirma que “os culpados são os suspeitos de sempre”. O texto demonstra um conteúdo superficial e apressado premido pela urgência de encontrar os motivos que levaram tantas pessoas às ruas.

Se nessa primeira abordagem, ainda não estava definido que linha seguir para a construção de sentidos sobre o acontecimento, em sua edição qualificada como “histórica”, da semana posterior, isso fica claro logo em seu editorial. Com teor muito mais positivo sobre os manifestantes e o próprio movimento, a revista abre a edição com o editorial se dizendo “Sem Medo do Novo”.

“As manifestações de rua da semana passada mostraram de modo inequívoco que estão quebrados os canais de comunicação de imensa porção da sociedade brasileira com as instituições que deveriam representá-la. Não era novidade para ninguém que o distante planeta Planalto, a Brasília da Fantasia, vinha se tornando, governo após governo, uma entidade divorciada do Brasil” (VEJA, 26/6/2013)

Como no passe de mágica, resolve-se todo o enigma, tudo se explica e os manifestantes ganham status de povo brasileiro. Sem que ninguém viesse a público explicar com clareza os porquês das manifestações, cujas demandas pareciam emergir a cada semana, a revista trata de fabricá-los naquilo que Lozano chama de “processo de consciência”, ou seja, a passagem do fortuito ao regular, do estranho ao normal, do imprevisível ao inevitável”. (RIBEIRO, 2006, 21)

Na página que abre a matéria do dia 26 de julho, estão claros os eixos sobre os quais se assentam as explicações sobre os episódios. Num texto escrito em tom carregado de figuras de linguagem que estimulam a emoção, o medo e as expectativas geradas em torno dos episódios:

“Tão maior, mais inebriante, mais mobilizadora, mais assustadora e mais apaixonante que, em uma semana, multidões bem acima de 1 milhão de pessoas jorraram Brasil a fora na histórica noite de quinta feira. Todos os parâmetros comparativos anteriores como Diretas Já e fora Collor empalideceram”. (VEJA, 26/06/2013)

Os exemplos acima ajudam a entendermos a construção narrativa engendrada pela revista. Tal elemento ressalta a dimensão ideológica presente nessa produção; uma dimensão nem sempre visível, mas que quase sempre “permanece dissimulada; (...); mascara-se ao se transformar em denúncia contra os adversários no campo das competições entre ideologias” (RICOEUR, 2007, 95). O discurso muda, conforme mudam os interesses, nesse caso, toda a explicação para os episódios é resumida na insatisfação direcionada ao governo do PT e administração Dilma Rousseff:

“Os partidos de esquerda foram os que mais se viram emparedados pela nova realidade das ruas. O PT acreditava que a paixão dos brasileiros pelo futebol seria exacerbada pelas Copas de tal forma que ninguém mais notaria a corrupção e a ineficiência do governo” (...) Os esquerdistas tiveram de ouvir um dos mais elegantes xingamentos da história mundial das manifestações: “oportunistas, oportunistas”. (VEJA, 26/06/2013)

Organiza-se, por assim dizer, uma escritura do imediato que significa as ações cotidianas em sistemas de conformações ideológicas, linguísticas e sociais. A sistematização dos conteúdos pela revista se ampara em uma “vontade de verdade” que auxilia a construção de uma dada legitimidade social de seu discurso e de suas narrativas. Se os recursos se apresentam como lugares evocadores da verdade, elaboram para si, conseqüentemente, lugares de poder, uma vez que se manifestam como mecanismos autorizados a falar, assim como, interditar outras vozes.

São conformações que atuam diretamente sobre aspectos de significação temporal. Tornam-se objeto de distensão entre o passado, presente e futuro. Toda notícia carrega, portanto, uma tripla temporalidade. Não por acaso, a intenção deliberada de situá-la numa cadeia explicativa entre um antes e um depois, como quando a revista traça uma linha histórica das principais manifestações populares da contemporaneidade, desde a queda do muro de Berlim à queda de presidentes na Argentina.

Desta maneira, considera-se que em toda produção da notícia, há elementos que acentuam a tensão presente em sua formulação e a evanescência/permanência de seus conteúdos no tempo. Nesse caso, configuram-se categorias temporais ordenadas nessa produção de maneira a influenciar para que um dado evento consiga transpor a condição de efemeridade e se situe como objeto de apropriação para além do momento de sua “acontecência”.

Estes acabam por se tornar momentos impulsionadores de debates contraditórios, conflitantes marcados por discursos insistentes de justiça, direito e reparações sociais e que nos colocam diante de um desejo de construirmos tais ocorrências entre um antes e um depois desses acontecimentos. Emerge também daí o conceito de boa política que preconiza o fim da corrupção, a punição para gestores incompetentes e a reivindicação por ações públicas eficazes. Uma vez midiaticizado, o acontecimento apresenta-se também como um problema público e reúne outras ocorrências em torno dele. Tal movimento evidencia sistemas de valores, discursos e demandas que invadem cotidianamente os meios de comunicação como podemos atestar na cobertura da grande mídia sobre os episódios das ruas em 2013. Pode-se falar que estes acontecimentos tanto se alimentam pela novidade de outras ocorrências, como pelo potencial de mobilização que manifestam.

Procurei discutir brevemente aqui a produção de acontecimentos históricos a partir dos meios de comunicação. A partir de um veículo, a *Veja*, e de um tema, as manifestações populares, pudemos comparar a cobertura de um veículo de comunicação em de dois anos emblemáticos. Entre ambos, uma diferença temporal, mas que evocam agenciadores de sentidos parecidos, especialmente, quando se lança na cena pública uma expectativa sobre a presença do “povo” nas ruas. Assim, pudemos perceber como é possível identificarmos alguns elementos recorrentes na construção dessas narrativas embora, se lancem em objetivos totalmente distintos.

Nesse ponto, é preciso estarmos atentos às diferenças fundamentais: em 1992, as manifestações “Fora Collor” emergem numa cadeia linear de significações. São narradas como o esperado, como acontecimentos-possibilidades. Entram na narrativa midiática antes mesmo de se configurarem como experiência prática no cotidiano. Em grande parte as mobilizações foram agregadas a um acontecimento maior: o impeachment de Collor que havia começado muitos meses antes. Assim, quando explodem no chamado “domingo negro” como ficou conhecido o dia 16 de agosto de 1992, vêm à cena pública amparada por uma cadeia narrativa que trabalhou apenas para enquadrá-la no conjunto das ocorrências daqueles meses.

Em 2013, temos o evento inesperado acontecimento-acaso e, ao primeiro momento, sem explicação. Destaco que vivemos momento da emergência das novas mídias, assim, o controle exercido sobre a construção de significados sobre os eventos contemporâneos é muito mais difícil. Exemplo disso foi o próprio tom de perplexidade da *Revista Veja* ao tratar das manifestações do mês de junho. Oscilando entre uma posição de crítica aos “vândalos profissionais” e a exaltação aos brasileiros que estavam fazendo história naquele momento, procura captar ganho político direcionado toda a explicação do episódio para a insatisfação contra o governo petista.

A partir dessa prerrogativa, há um trabalho de seleção que transita entre o acaso e um desejo de controle. Diante da ilimitada avalanche de ocorrências que saturam o cotidiano, alguns eventos carregam um potencial de monumentalização muito mais evidente. Suas consequências acabam desencadeando fluxos de novas ocorrências que, quase sempre são inesperadas, todavia, quando estes acontecimentos passam a fazer parte do circuito da comunicação, ou seja, tornam-se o produto-notícia, ganham contornos dentro de uma lógica própria de ordenação e são submetidos a uma “operação midiográfica”⁴ que progressivamente vai lhes agregando sentidos, densidade e monumentalidade.

Deste modo, tais acontecimentos são selecionados e, por vezes, identificados por seu potencial de comoção e apelo social; mais do isso, são assim narrados, o que os transforma em um poderoso capital simbólico no jogo de disputas de poder e construção de memórias e marcos históricos. Nesse jogo, estabelece-se um movimento discordante/concordante, que é contínuo. Como sustenta Ricoeur, tudo ocorre entre uma “necessidade retrospectiva” e uma “contingência prospectiva” (RICOEUR, 1991, 50). Aos nos depararmos como esses dois episódios pudemos perceber como a narrativa midiática, no caso da revista *Veja*, opera,

4 Cf. Cf. Meneses, Sônia. *A Operação Midiográfica: A produção de acontecimentos e conhecimentos históricos através dos meios de comunicação – A Folha de São Paulo e o Golpe de 1964*. Tese de doutorado, Niterói, UFF, 2011

direciona e elabora significações muito próprias sobre eles, isso nos faz compreender ainda que o relato apresentado nesses veículos é sempre parcial, problemático e vinculado ao conjunto de demandas sociais, políticas e culturais aos quais seus formuladores estão vinculados.

Bibliografia

- ANTUNES, Elton e VAZ, Paulo Bernardo. *Mídia: um aro, um halo e um elo*. In GUIMARÃES, César e FRANÇA, Vera. (orgs.) *Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano*. São Paulo: Autêntica. 2006.
- BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: UFMG. 2007.
- BARBEIRO, Jesús Martin. *Dos Meios às Mediações*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.
- BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa – Brasil – 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X Editora, 2009.
- _____. *História cultural da Imprensa – Brasil – 1800-1900*. Rio de Janeiro: Mauad X. 2010.
- BÉDARIDA, François. “*La mémoire contre l’histoire*”. Paris: Esprit, juillet. 1993
- _____. BÉDARIDA, François. *Tempo presente e presença de história* in FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996
- BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas – Magia e Técnica, arte e política*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- _____. *Sobre a Televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- _____. “*A opinião pública não existe*”, in. *Questões de sociologia*. São Paulo: Marco Zero, 1983.
- BURKE, Peter & Briggs, Asa. *Uma História Social da Mídia – de Gutenberg à Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- CERTEAU, Michel. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. *História do Tempo Presente: desafios*. Rev. Cultura Vozes, Petrópolis: v. 94, No. 3, pp. 111 – 124, maio/junho, 2000.
- FRANÇA, Vera. *Sujeito da comunicação, sujeitos em comunicação* in GUIMARÃES, César e FRANÇA, Vera. *Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- GOULART, Ana Paula. *Imprensa e história no Rio de Janeiro dos anos 1950*. Rio de Janeiro: e-Papers, 2007.
- _____. *Mídia e Memória – A produção de sentidos nos meios de comunicação*. Rio de Janeiro. PDF, 2007.
- HABERMAS, Jürgen. *Mudança Estrutural na Esfera Pública*. São Paulo: Col. Biblioteca do Tempo Universitário, 2003.
- HALL, Stuart. *Da Diáspora – identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- HUYSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória – arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora 2ª. Edição, 2000.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado – contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: PUC, 2006.
- KUNCZIK, Michael. *Conceitos de jornalismo: norte e sul*. São Paulo: Edusp, 1997
- LAGE, Nilson. *Estrutura da notícia*. São Paulo: Ática 5ª, 2004.
- MASTROGREGORI, Massimo. *Historiografia e tradição das lembranças*. In MALERBA. *A História Escrita. Teoria e história da historiografia*. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

- MENESES, Sônia. *Os historiadores e os “fazedores de História”: lugares e fazeres na produção da memória e do conhecimento histórico contemporâneo a partir da influência midiática*. Rev. OPSIS. v. 7, no. 09, julho/dez 2007. Goiânia. UFG. 2007
- _____. *1964, o ano de uma notícia indelével: A construção memorial do Golpe militar no Brasil entre a mídia, a memória e a história*. São Paulo, Uninove. Rev. Cenários da Comunicação, 2009.
- _____. *As Faces de Hécate: Literatura, Mídia e História formas narrativas na produção do acontecimento na sociedade contemporânea*. Santa Catarina, Rev. Estudos em Jornalismo e Mídia. (UFSC), 2009.
- ORTIZ, Renato. *A Moderna tradição brasileira – cultura Brasileira e Indústria cultural*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.
- RABELO, José. *Os acontecimentos midiáticos como actos de palavra*. Servilha: Revista científica de información e comunicación, no. 03. 2006.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. Tomos I, II, III, São Paulo: Papyrus Editora, 1997.
- _____. *História e Verdade*. Rio de Janeiro: Forense, 1968.
- RICOEUR, Paul. *Événement et sens*, in *Raisons Pratiques*, No. 02 l'événement en perspective, Ecole des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris. 1991.
- _____. *A Memória, a história, o esquecimento*. São Paulo: Unicamp, 2007.
- RIOUX, J. P. *Entre o Jornalismo e a História*. in *Questões para a História do tempo presente*. São Paulo: Edusc, 1999.
- RIBEIRO, A. P. G. *A história do seu tempo. A imprensa e a produção do sentido histórico*. Rio de Janeiro: dissertação de Mestrado defendida na ECO/UFRJ, 1996
- ROUSSO, Henry. *La hantise du passé*. Entretien avec Philippe Petit, les Editions Textuel, 1998.
- THOMPSON, John B. *Mídia e Modernidade: uma teoria social da mídia*. São Paulo: Vozes, 2004.
- TODOROV, Tzvetan. *Les abus de la mémoire*. Paris: Arléa. 2004.